

Começa a disputa por lideranças

Ana Paula Macedo

Já virou uma espécie de tradição no Congresso Nacional. Invariavelmente, todos os anos, as bancadas se reúnem, tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal, para a eleição de novos líderes. Há quem consiga manter-se na liderança por longos períodos. Mas, após uma sessão legislativa tumultuada, a previsão para o próximo ano é de muita mudança. As articulações já foram iniciadas e, inclusive, há candidaturas lançadas. Na Câmara, por exemplo, a expectativa é de mudança na liderança de pelo menos seis das oito principais bancadas.

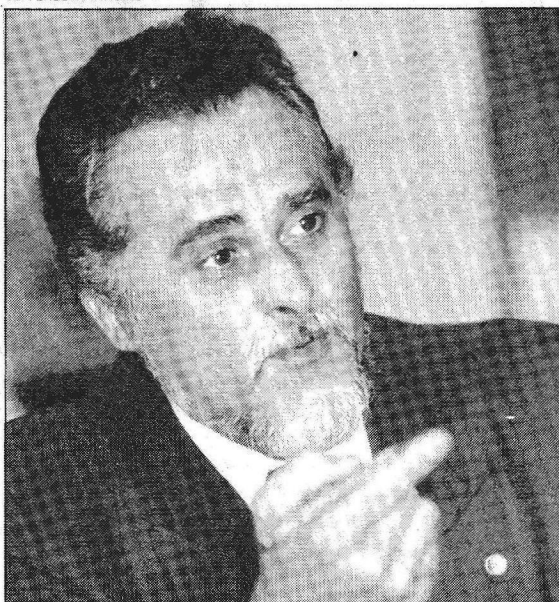
A alteração poderá começar pelo próprio líder do PFL e do bloco de sustentação ao Governo, deputado Ricardo Fiuza (PF). Com a função garantida, no início do ano, pelo apoio de Antônio Carlos Magalhães, Fiuza corre o risco agora de perdê-la pelas mãos do mesmo governador da Bahia. Tudo em decorrência das confusões recentes na Comissão Mista de Orçamento.

Com as pressões contra o ex-relator da comissão, deputado João Alves (BA), não havia outra opção senão indicar um outro nome. Antônio Carlos Magalhães fez uma exigência: que o novo relator também fosse um baiano. Encontrou, contudo, uma certa resistência. Fiuza acabou ocupando a relatoria, sem evitar rugas.

Pernambucanos — Caso não sejam passados panos quentes, a perda da liderança, antes inimaginável, poderá ocorrer. Afinal, o governador da Bahia detém a fidelidade de 40 deputados da bancada. Fiuza sairia mas Pernambuco não. Representantes mais fortes do PFL, os pernambucanos dão, pelo menos, duas alternativas de substituição: Gustavo Krause e Roberto Magalhães. Ambos com o aval de Antônio Carlos Magalhães. Mesmo assim, Fiuza parece ainda o nome mais provável. Já no Senado, a situação é de tranquilidade. Nenhuma ameaça paira sobre o senador Marco Maciel, também de Pernambuco.

Insatisfações — Ainda na bancada governista, a situação do PRN está semelhante à do PFL. No Senado, reina a paz, enquanto nem tudo são flores na

JEFFERSON PINHEIRO

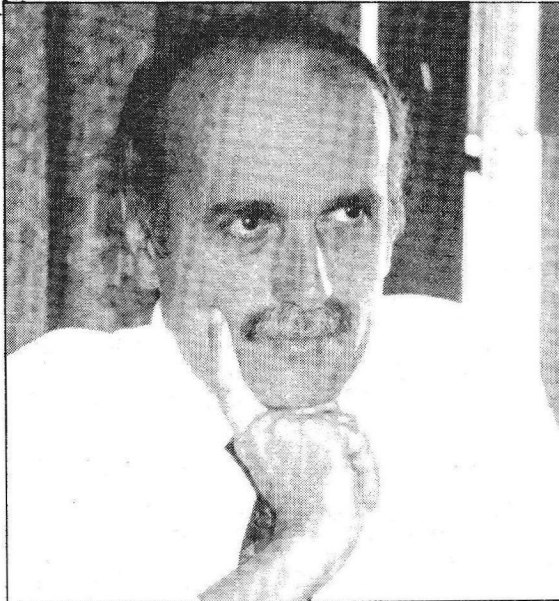


RAIMUNDO PACCÓ

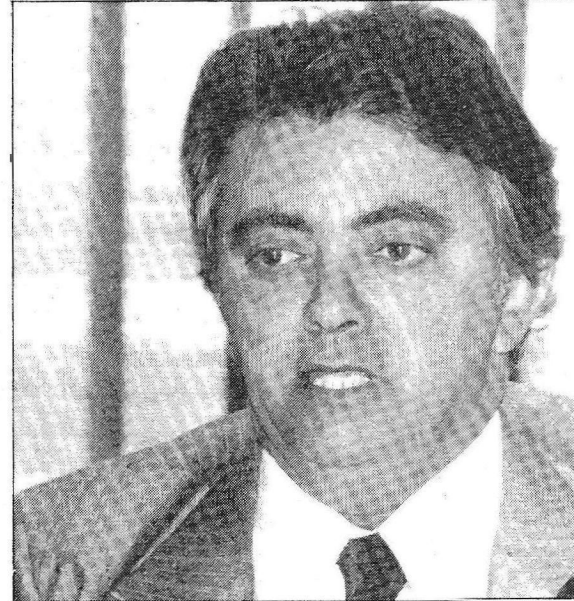


Genóino deixa a liderança do PT, pelo rodízio, e Fiuza é ameaçado pelo governador baiano

JEFFERSON PINHEIRO



IVALDO CAVALCANTI



Vivaldo desgastou-se no episódio das privatizações e Genebaldo por ser um dos Sete Anões

Câmara. Desde já, aposta-se na permanência do senador Ney Maranhão (PE). O deputado Cleto Falcão (AL), contudo, terá que driblar alguns insatisfeitos. "Quem o segura é o presidente Collor", desabafou um parlamentar. Numa eventual substituição, o cotado seria o deputado Basílio Villani (PR). Mas este acaba de deixar a legenda, inscrevendo-se no PDS.

Em situação nada confortável encontra-se ainda o líder da maior bancada da Câmara, o PMDB, com mais de cem parlamentares. Após as denúncias contra o grupo dos Sete Anões

da Comissão Especial de Orçamento, do qual é um dos integrantes, o deputado Genebaldo Correia (BA) entrou em processo de desgaste. Os antiqueristas, desejosos de conquistar um dos mais importantes postos do Congresso, podem desafiá-lo.

Se o quadro permanecer até fevereiro, a liderança poderá passar a ser exercida pelo gaúcho Odacir Klein. O nome do deputado, contudo, é citado com cautela. Klein, afinal de contas, não tem lá muita afinidade com o presidente nacional do partido, o ex-governador de

São Paulo, Orestes Quércia. Pelo contrário: é conhecido como anti-Quércia. Não há, por enquanto, outros nomes levantados.

No caso específico do PMDB, aposta-se também em mudança no Senado, onde a liderança está nas mãos de Humberto Lucena (PB). Os mais fortes para ocupar o cargo seriam José Fogaça (RS) e Pedro Simon, também gaúcho e na mesma posição de Klein. No Congresso, os comentários são os de que seria mais fácil um anti-Quércia chegar a líder na Câmara do que no Senado.